

**O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO ATRELADO AO FENÔMENO DA  
PALATALIZAÇÃO DAS FRICATIVAS ALVEOLARES EM CODA SILÁBICA:  
UMA ABORDAGEM FONOLÓGICA E SOCIOGEOLINGUÍSTICA**

*THE MONOPHTHONGIZATION PROCESS ASSOCIATED IN THE  
PALATALIZATION PHENOMENON OF THE ALVEOLAR FRICATIVES AT CODA  
SYLLABIC: A PHONOLOGICAL AND SOCIOGEOLINGUISTICAL APPROACH*

**Alessandra Bassi**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de  
Santa Catarina  
alefof@yahoo.com.br

**Josilaine Aparecida Mozer**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de  
Santa Catarina

**RESUMO:** Este estudo objetiva analisar, por meio de uma perspectiva fonológica e sociogeolinguística, o processo de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais. O artigo baseia-se teórico-metodologicamente nos pressupostos estabelecidos pela fonologia autosegmental, pela sociolinguística e pela geolinguística. A amostra constitui-se de quinhentos e vinte e dois dados e abrange a amostra Monguilhott (2006) e a amostra coletada pelos alunos da disciplina Sociolinguística e Dialectologia (2012.1), do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. No decorrer da análise, procuramos detectar os contextos que mais condicionam o processo de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais. Nossos resultados evidenciam que nos grupos de fatores linguísticos há um maior favorecimento do processo de monotongação do que nos grupos de fatores extralinguísticos. Mesmo que constitua apenas uma análise introdutória sobre o processo de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais, esperamos que este estudo venha a oferecer uma contribuição às pesquisas referentes ao português falado no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monotongação. Fonologia autosegmental. Sociolinguística. Geolinguística.

*ABSTRACT: This study aims to analyze, through of a phonological and sociogeolinguistic perspectives, the process of monophthongization in front of alveolar and alveopalatais fricatives. The article is based on theoretical and methodological assumptions established by autosegmental phonology, by sociolinguistics and by geolinguistics. The sample is consisted of five hundred twenty-two data and includes the sample Monguilhott (2006) and the sample collected by the students of the class of Sociolinguistics and Dialectology (2012.1). During the analysis, we detect the contexts that most influence the process of monophthongization in front of alveolar and alveopalatais fricatives. Thus, our results show that in groups of linguistic factors there is a greater favoring the process of monophthongization of than in groups of extralinguistic factors. Even if it is just an introductory discussion about the process of monophthongization in front of alveolar and alveopalatais fricatives, we hope this study will provide a contribution to research on the portuguese spoken in Brazil.*

**KEYWORDS:** *Monophthongization. Autossegmental phonology. Sociolinguistics. Geolinguistics*

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa é passível de mudanças, implementadas seja por fatores linguísticos seja por fatores extralinguísticos. Tais mudanças são percebidas tanto na língua falada quanto na escrita, e parte delas tem sido justificada e respaldada em modelos teóricos de diversas linhas. Uma dessas mudanças, motivada na língua falada, se refere à redução dos ditongos decrescentes diante das fricativas alveolares [s, z] e alveopalatais [ʃ, ʒ].

O processo de monotongação pode ser considerado uma mudança implementada no português brasileiro. Desse modo, para que possamos verificar tal mudança mais detalhadamente, o presente artigo pretende descrever e analisar o referido fenômeno nas comunidades do Ribeirão da Ilha e do Centro-Trindade/Continente – amostra Monguilhott (2006) e amostra coletada pelos alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia (2012.1), que compreendem o Banco de Dados Floripa<sup>1</sup>.

Iniciaremos essa discussão tratando das questões que gostaríamos de responder neste estudo, bem como das hipóteses levantadas como possíveis respostas a essas questões. A primeira pergunta versa sobre a relação do fenômeno da palatalização das fricativas alveolares com o processo de monotongação dos ditongos decrescentes, na qual questionamos se a palatalização das fricativas alveolares seria um condicionador para o processo de monotongação; a segunda questão sugere a existência de diferenças entre a frequência de difusão do processo de monotongação no Ribeirão da Ilha e no Centro-Trindade/Continente; e a terceira pergunta visa a saber se os grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos são os que mais favorecem a variação fonológica e social no processo de monotongação dos ditongos decrescentes.

Assim sendo, para a primeira pergunta temos a hipótese de que a palatalização das fricativas alveolares em coda silábica, tanto no Ribeirão da Ilha quanto no Centro-Trindade/Continente, está associada ao processo de monotongação dos ditongos decrescentes; para a segunda questão a hipótese é a de que existem diferenças entre a frequência de difusão do processo de monotongação no Ribeirão da Ilha e no Centro-Trindade/Continente; e para a terceira pergunta temos a hipótese de que a variação do processo de monotongação é mais favorecida por grupos de fatores linguísticos do que por grupos de fatores sociais.

Estabelecemos como variável dependente em nossa pesquisa a presença e a ausência da monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais. Buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes, optamos pelas variáveis independentes especificadas a seguir.

Em relação às variáveis sociais ou extralinguísticas, optamos por: nível de escolaridade (baixa – ensino fundamental e alta – ensino superior); e faixa etária

---

<sup>1</sup> Para este trabalho foram analisadas 16 entrevistas sobre o português falado em Florianópolis/SC, 04 realizadas na localidade do Ribeirão da Ilha (Caieira da Barra do Sul e Freguesia do Ribeirão) – amostra Monguilhott (2006); 04 realizadas no Ribeirão da Ilha (Costeira do Ribeirão e Alto do Ribeirão) – amostra Turma da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia (2012.1); 07 realizadas no Centro-Trindade/Continente (Abrão, Bom Abrigo, Itaguaçu e Coqueiros) – amostra Turma da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia (2012.1); e 01 realizada na Centro-Serrinha/Trindade – amostra Monguilhott (2006).

(geração I – mais jovens (até 37 anos) e geração II – mais velhos (acima de 40 anos). A dimensão diazonal também está contemplada, já que pesquisamos dois pontos distintos – Centro-Trindade/Continente (zona urbana) e Ribeirão da Ilha (zona não-urbana). Quanto às variáveis linguísticas, selecionamos: o contexto seguinte às semivogais [j, w] (fricativas alveolares [s, z] e fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]); o número de sílabas (monossílabo, dissílabo e trissílabo); e o item lexical (advérbios, numerais e outros itens lexicais)<sup>2</sup>.

Apresentaremos, na Seção 2, a teoria da variação e mudança sob uma abordagem teórico-metodológica que levará em conta os pressupostos da Dialectologia e da Sociolinguística; na Seção 3, a Fonologia Autossegmental, na qual nos baseamos para descrever os segmentos e o processo fonológico em análise; na Seção 4, o objeto de estudo, por meio de uma breve revisão da literatura acerca do processo de monotongação; na Seção 5, a análise e a discussão dos resultados referentes às variáveis extralinguísticas e linguísticas; e, por fim, trazemos as considerações finais.

## 2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

### 2.1 Pressupostos teóricos básicos da Dialectologia e da Sociolinguística

No fim do século XIX surge a Dialectologia, considerada, segundo Ferreira e Cardoso (1994), uma ciência que tem interesse pelos dialetos regionais e rurais, sua distribuição e intercomparação, o que serve para identificá-la como linguística diatópica, ou seja, horizontal. No entanto, não podemos discorrer sobre Dialectologia sem antes entendermos o conceito de dialeto. Vejamos, então, o que alguns autores afirmam sobre o termo.

Chambers & Trudgill (1980, p. 03) afirmam que “todos os falantes são falantes de ao menos um dialeto”<sup>3 4</sup> e que “não faz sentido supor que um dialeto é de algum modo linguisticamente superior a outro”<sup>5</sup>. Assim, conforme os autores, a ideia de dialeto não deve ser associada como sendo uma forma subpadrão, ligada à classe baixa. Os autores discutem, também, o critério da inteligibilidade mútua, contido no princípio de que “uma língua é uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis”<sup>6</sup>, sendo que o termo dialeto seria subparte de uma determinada língua. Para os autores, ainda, seria melhor substituir o termo língua por “variedade”, conceito que se aplicaria a qualquer tipo particular de língua e, dessa forma, dialeto passaria a ser compreendido como variedade linguística.

Conforme Coseriu (1982, p. 36), devemos levar em conta dois fatos básicos, no que se refere, em particular, ao sentido da Dialectologia: o primeiro é que “a Dialectologia é o estudo da ‘configuração’ espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais”<sup>7</sup>. Assim, a investigação dialetal deve ater-se às áreas

---

<sup>2</sup> Utilizaremos na análise dos dados o conjunto de programas estatísticos do pacote Goldvarb 2001 (ROBINSON et al., 2001), versão 2.0, desenvolvido pela *University of Pennsylvania* e o programa Excel.

<sup>3</sup> “all speakers are speakers of at least one dialect” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 03).

<sup>4</sup> As traduções encontradas ao longo deste trabalho são de nossa responsabilidade.

<sup>5</sup> “it not does make any kind of sense to suppose that any one dialect is in any way linguistically superior to any other” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 03).

<sup>6</sup> “a language is a collection of mutually intelligible dialects” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 03).

<sup>7</sup> “la dialectología es estudio de la ‘configuración’ de las lenguas, o sea, de la variedad diatópica y de las relaciones interdialectales” (COSERIU, 1982, p. 36).

geográficas; e o segundo é que a Dialetoлогия “é essencialmente ‘gramática comparada’”<sup>8</sup>, por isso, deve registrar fatos e/ou fenômenos comparáveis no espaço.

Todavia, é bom não confundir Dialetoлогия e Geolinguística, pois esta é um método utilizado pela Dialetoлогия. Nesse sentido, Jules Gilliéron (1959, apud BRANDÃO, 1991), considerado o fundador da Geografia Linguística como método de investigação científica, afirma que podemos designar Geografia Linguística como

o método dialectológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (GILLIÉRON, 1959 apud BRANDÃO, 1991, p. 11-2).

Com base nisso, podemos afirmar que o método cartográfico mostra-se de muita utilidade para o conhecimento e/ou reconhecimento das variáveis regionais de uma língua. No entanto, para Alvar (1968), nenhum método será capaz de dar conta totalmente da variabilidade de uma língua, porque nunca conseguiremos obter a realidade de uma língua, pois esta é mutável em cada comunidade e em cada indivíduo. Por outro lado, os preceitos da Geolinguística associados aos da Sociolinguística podem trazer um melhor entendimento dos mecanismos com que uma língua se relaciona e dos fatores que determinam sua mudança.

Para Radtke & Thun (1996, p. 35), “a geolinguística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação. Essa ciência deveria, na realidade, alterar o seu nome e não mais denominar-se ‘geografia linguística’ ou ‘geolinguística’, mas sim chamar-se ‘ciência da variação’”.

A Sociolinguística tem início em meados da década de 1960, quando surge o modelo laboviano que tem o objetivo de analisar a língua como um sistema heterogêneo. De acordo com Labov (2008), a língua é vista como uma forma de comportamento social e é utilizada por seres humanos em um determinado contexto social para transmitir suas necessidades, ideias e emoções.

Assim, a Sociolinguística baseia-se no estudo dos padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza por meio de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo procura responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser, da mesma forma, heterogêneo e plural para desempenhar as suas funções; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala ocorrem na variação observada momentaneamente nos padrões de comportamento linguístico dessa comunidade, visto que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança (cf. LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV & HERZOG<sup>9</sup>, 1968).

---

<sup>8</sup> “es essencialmente ‘gramática comparada’” (COSERIU, 1982, p. 36).

<sup>9</sup> Daqui por diante, ao nos referirmos aos autores, utilizaremos as iniciais dos seus sobrenomes WLH.

Conforme Tarallo (1986, p. 08), as formas em variação e/ou as variantes linguísticas “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. As variáveis subdividem-se em variável dependente, que trata do fenômeno que se objetiva estudar, ou seja, das formas que estão em competição; e variáveis independentes, que condizem com o uso de uma ou de outra variante que, na maioria das vezes, é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) e/ou sociais (extralinguísticos).

A análise das variáveis sociais, por exemplo, busca definir o quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre variação estável e mudança em progresso. A variação estável avalia se o quadro de variação tende a se manter por um longo período, já a mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua obtenção em favor de uma das variantes identificadas.

Desse modo, ao comparar os fatores sociais com os linguísticos, podemos verificar como determinada variante está se propagando entre os diversos segmentos sociais, o que se define como uma das faces do problema da transição – *transition problem*. Por outro lado, através de testes de julgamento subjetivo, podemos examinar a reação dos falantes diante dos valores de determinada variável, de modo a definir a tendência de mudança que essa avaliação social favorece, o que se denomina de problema da avaliação – *evaluation problem*. Tais informações, juntamente com as informações relativas ao encaixamento da variável na estrutura linguística da comunidade de fala, teriam um papel primordial para o esclarecimento acerca de como a mudança linguística chega a sua consecução, o que se denomina de problema da implementação – *actuation problem* (cf. WLH, 1968). Nesse sentido, podemos avaliar se um determinado quadro de variação tende a se resolver em função de uma determinada variante, efetivando-se a mudança linguística, ou se as variantes identificadas tendem a se manter no uso linguístico da comunidade, caracterizando-se como variação estável.

Com base nisso, o estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas utilizadas por uma mesma comunidade de fala. Calcula, também, a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Além disso, a análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (sincronia) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (diacronia).

Desse modo, há uma união da Sociolinguística (que é composta de uma abordagem micro, ou seja, no nível do indivíduo e/ou de uma visão mais restrita das localidades) com a Dialetoлогия (que comporta uma abordagem macro, pois abrange vários pontos e mostra os resultados através de uma perspectiva mais ampla). Dessa forma, podemos dizer que a Dialetoлогия e a Sociolinguística são complementares e de forma alguma incompatíveis.

### 3 TEORIA FONOLÓGICA

#### 3.1 Pressupostos teóricos básicos da Fonologia Autossegmental

Conforme Bisol (2001), a Fonologia Autossegmental, proposta por Goldsmith (1976), permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas, operando com segmentos completos e com matrizes inteiras de traços. Não há uma relação “de um para um” entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza, sendo assim, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Nessa perspectiva, o segmento apresenta uma estrutura interna hierarquicamente organizada, o que gera uma nova representação formal dos traços que o compõem. A Fonologia Autossegmental analisa os segmentos em *tiers*, camadas que dividem as cadeias sonoras (sílabas, segmentos e traços).

##### 3.1.1 Teoria da sílaba

Clements (1985; 1991) afirma que os traços que compõem os segmentos são adjacentes e constituem uma representação tridimensional que permite distinguir *tiers*. Desse modo, concebe a sílaba estabelecendo princípios universais e regras específicas que governam a estrutura silábica. A sílaba apresenta, segundo o autor, uma estrutura de três níveis: *syllable tier*, *skeletal tier*; e *segmental tier*, que exhibe a representação fonética dos segmentos.

Conforme Silva (2003), a Fonologia Autossegmental estabelece que posições nucleares sejam associadas aos seus segmentos no nível da representação fonológica. Os demais constituintes silábicos – *onset*, rima e coda – são associados aos seus segmentos no processo de silabificação. Cada sequência (*onset* + rima) deve ser associada a uma sílaba que é representada pelo símbolo  $\sigma$ . Sendo assim, a sílaba consiste em um ataque (O) e uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em núcleo (N) e coda (C).

Conforme Bisol (2001), na classificação silábica a rima é o que vai definir se uma sílaba é leve ou pesada. Sílabas que apresentam rimas constituídas somente por vogal são leves ou simples e rimas ramificadas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal são pesadas ou complexas.

#### 3.2 O Ditongo e o processo de monotongação

Embora a nossa proposta seja de explicar o fenômeno em estudo por meio da fonologia autossegmental, algumas informações do estruturalismo serão interessantes para introduzir a caracterização dos ditongos.

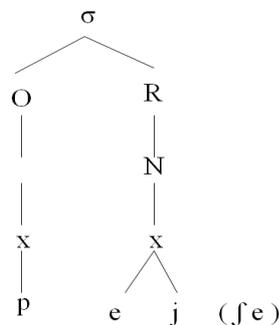
Câmara Jr. (1970), na perspectiva estruturalista, diz que quando uma vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica em uma de suas margens, resultando em uma vogal modificada por outra numa mesma sílaba, tem-se um ditongo, que são constituídos por uma vogal + uma semivogal (ou glide) – /w/ e /j/ – e são classificados de acordo com a ordem de realização desses dois segmentos. Quando a vogal antecede o glide, o ditongo é decrescente; quando o glide vier seguido da vogal, o ditongo será crescente.

Câmara Jr. (1970) discute a posição ocupada pela semivogal na sílaba e, para ele, o padrão silábico desses segmentos é VV, com a vogal e a semivogal ocupando o núcleo da sílaba. O autor usa os seguintes argumentos para justificar essa escolha: (i) o

“r” apresenta-se forte depois de uma sílaba travada, *Israel, honra, guelra*; mas não depois de ditongo, *Laura, europeu*, o que evidencia que a sílaba com ditongo não é travada; (ii) a facilidade com que se passa de ditongo para monotongo (peixe/peixe); (iii) a variação livre na divisão silábica de sequência átona de vogal+vogal alta (vaidoso); e (iv) a passagem da semivogal /i/ para [e], como em *papae*, demonstram que os dois segmentos estão ligados ao núcleo. Dessa forma, para Câmara Jr. (1970), a semivogal é de natureza vocálica e ocupa com a vogal silábica o núcleo da sílaba e não comuta com consoante, mas o ditongo inteiro comuta com vogal simples.

Já Bisol (1989), na perspectiva da fonologia autosssegmental, classifica os ditongos como leves (ou falsos) e como pesados (ou verdadeiros). Os primeiros apresentam uma rima simples, isto é, não ramificada na representação subjacente, conforme a Figura 01.

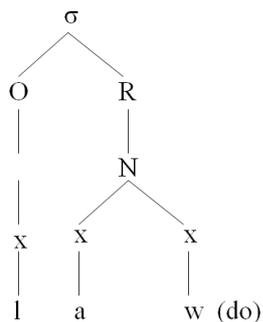
**Figura 01** - Representação do ditongo leve (ou falso).



**Fonte:** elaborado por nós com base em Bisol (1989).

Já os segundos apresentam uma rima ramificada, com o glide presente na representação subjacente do ditongo, conforme a Figura 02.

**Figura 02** - Representação do ditongo pesado (ou verdadeiro).



**Fonte:** elaborado por nós com base em Bisol (1989).

Dessa forma, para os dois autores o glide é representado como vogal, no entanto Bisol (1989) diferencia a estrutura subjacente da estrutura de superfície. Para ela, o ditongo pesado, o verdadeiro, ocupa duas posições na rima, portanto, tende a se manter, por ser difícil modificar essa estrutura com duas vogais na subjacência. Além disso, esse

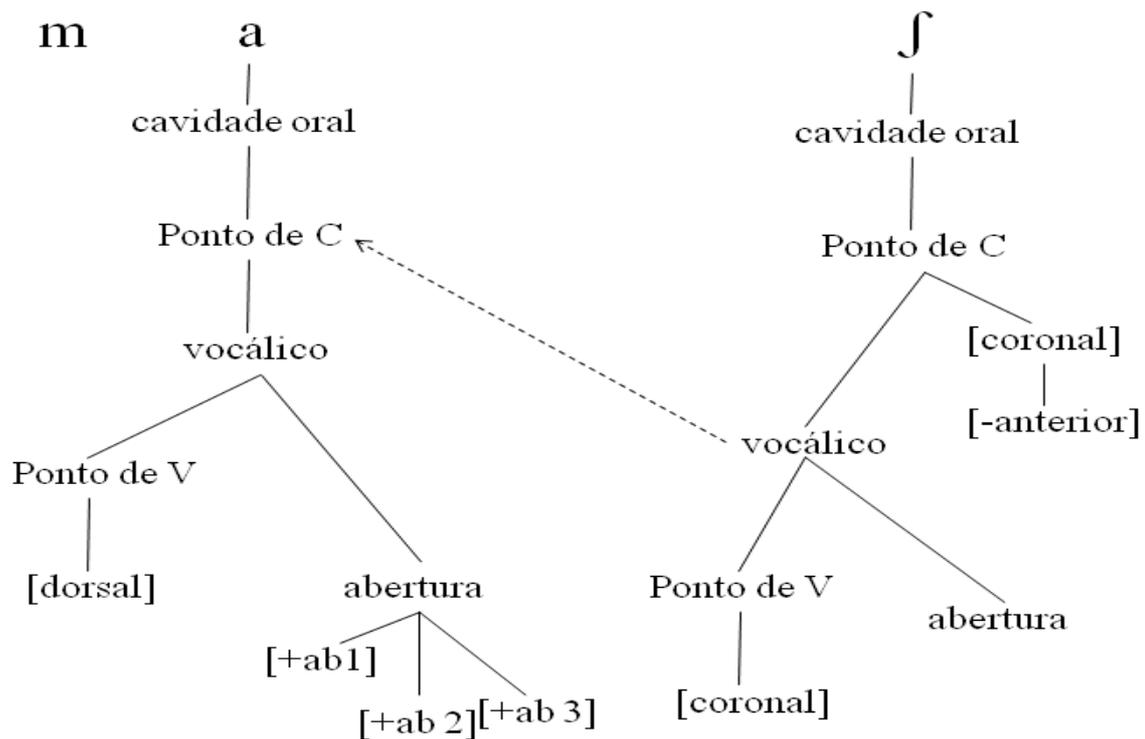
ditongo forma pares mínimos com vogal simples [pauta/pata; laudo/lado]. Nesse sentido, ele é um ditongo fonológico, o que dificulta a redução.

Em contrapartida, o ditongo leve não está presente na estrutura profunda, pode, portanto, sofrer monotongação, já que ocupa apenas uma posição na rima. Além disso, quando alterna com vogal simples, não causa diferença de sentido [peixe/pexe; beira/bera], é, na maioria das vezes, um ditongo meramente fonético, mais um fator que contribui para a redução.

### 3.3 O Ditongo e as consoantes fricativas

As consoantes fricativas alveopalatais /ʃ, ʒ/ são consoantes complexas, isto é, possuem em sua representação subjacente o nó vocálico que oferece condições para a formação do glide. Dessa forma, a inserção do glide resulta de um processo de assimilação em decorrência do espriamento do nó vocálico presente nessa consoante. Do mesmo modo que ocorre a epêntese, o glide pode simplesmente não se manifestar, emergindo foneticamente como um monotongo.

**Figura 03** - Representação do espriamento do nó vocálico da consoante complexa /ʃ/.



**Fonte:** elaborado por nós com base em Bisol (1989).

Quando o ditongo está diante de uma fricativa alveopalatal, o processo de monotongação é possível, pois segundo Bisol (1989), apesar de serem consoantes plenas, as alveolares possuem em sua forma subjacente a presença de uma articulação secundária, representada pelo nó vocálico, que possibilita a palatalização da fricativa alveolar.

#### 4 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, apresentamos um recorte de estudos acerca da monotongação realizados no Sul do Brasil.

Brescancini (2009) realizou um estudo para investigar a redução em ditongos decrescentes seguidos por fricativa alveolar ou alveopalatal no português falado em Florianópolis. Ela analisou dados de 48 informantes<sup>10</sup> de três localidades: Florianópolis (centro), Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa. O corpus obtido apresentou pouca variedade de itens lexicais, havendo concentração de ocorrências dos advérbios *mais* e *depois*, e dos numerais *dois* e *seis*. A observação da totalidade dos dados evidenciou que codas palatoalveolares são contextos preferidos para a monotongação (das 875 ocorrências, apenas 10 apresentaram redução em coda alveolar).

Além dos *mais* recorrentes, a autora verificou a realização do fenômeno em outros itens lexicais com menor frequência<sup>11</sup> e conclui que a morfologia também condiciona a monotongação, sendo o papel morfológico do /S/ a variável linguística mais relevante: a fricativa com papel de flexão verbal favoreceu mais o processo de redução, com peso relativo<sup>12</sup> de 0,65, quando comparado à fricativa de flexão nominal (PR 0,29) e àquela que faz parte do radical da palavra (PR 0,53).

Em relação às variáveis sociais, Brescancini (2009) obteve como mais relevante a variável sexo, sendo as mulheres as que mais favoreceram a monotongação (PR 0,60). Por fim, ao cruzar as variáveis sexo, escolaridade e idade, ela verificou que a escolaridade não influencia no fenômeno e que os *mais* jovens tendem a usar menos a monotongação.

Haupt (2011), em sua tese, realizou um estudo sobre a monotongação dos ditongos decrescentes [aɪ, eɪ, oɪ, uɪ] em sílabas abertas e fechadas na fala dos florianopolitanos, com base em entrevistas de 24 informantes do banco de dados do VARSUL<sup>13</sup>. Ela obteve os seguintes resultados: (i) em sílabas abertas, a monotongação ocorre quase que categoricamente diante de contextos favorecedores (tepe e consoante palato-alveolar) nos ditongos [eɪ] e [aɪ]; (ii) nos contextos desfavorecedores, também ocorrem casos de monotongação, alguns em itens lexicais com alta frequência de ocorrência (*coisa*, *maior*, *meia*) e outros não (*manteiga*, *treinamento*); (iii) em sílabas fechadas finais, as monotongações ocorrem preferencialmente quando o contexto alternativo (aquele que inicia a palavra seguinte) é uma vogal; (iv) em sílabas fechadas, a redução ocorre em itens lexicais frequentes, principalmente em contexto de consoante palato-alveolar; e, (v) as palavras pouco frequentes e as que carregam informação morfossintática, como as palavras no plural, monotongam menos.

Cabreira (2000) descreveu o fenômeno nas três capitais da Região Sul, Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Ele analisou dados de 36 informantes

---

<sup>10</sup> A amostra inicial era de 72 informantes, mas foram excluídos da pesquisa aqueles que não apresentaram nenhum caso de monotongação.

<sup>11</sup> Esses itens correspondem a 18% dos dados da pesquisa e envolvem os substantivos *cais*, *pais*, *casais*, *canhões* e *aplicações*; o adjetivo *rurais*; e outros advérbios, como *demais*.

<sup>12</sup> Doravante PR.

<sup>13</sup> O Banco de Dados VARSUL é formado por 288 entrevistas de zonas urbanas distribuídas igualmente entre quatro cidades de cada um dos três estados da região Sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati). Trata-se de um banco de dados linguísticos e socioculturais para estudos de fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso. De acordo com o sítio <http://www.varsul.org.br/>. Acesso em 29/08/2012.

do banco de dados VARSUL e observou que apenas os ditongos [ay, ey e ow] sofreram redução.

Ele agrupou os ditongos [ay] e [ey], que apresentaram comportamento semelhante e analisou o ditongo [ow] separadamente. Quanto às variáveis linguísticas, obteve os seguintes resultados: (i) natureza fonológica: foi relevante para a análise dos ditongos [ay e ey], o ditongo está mais sujeito à monotongação quando se encontra no radical da palavra do que do sufixo (ii) tonicidade: o ditongo [ow] está mais sujeito ao apagamento da semivogal quando se encontra em sílabas tônicas e quando é um ditongo fonemático. Quanto às variáveis sociais, os resultados foram os seguintes: a variável escolaridade foi relevante para os três ditongos, revelando que os informantes com maior grau de instrução monotongam menos; (ii) as mulheres aplicaram mais a regra variável do que os homens nos ditongos [ay e ey], mas em relação ao ditongo [ow] os resultados da variável sexo foram praticamente os mesmos; e (iii) na variável geográfica, as três localidades em estudo não apresentaram diferença significativa na monotongação do ditongo [ow]; e na análise dos ditongos [ey e ay] seguidos por fricativa palatoalveolar, os informantes da capital Florianópolis foram os que mais favoreceram a aplicação da regra de monotongação.

Toledo e Monareto (2010) apresentam e comparam, para efeito de generalização de dados, as pesquisas de Cabreira (1996) e Amaral (2005). O primeiro descreveu a monotongação nas capitais Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), com base em 36 entrevistas do VARSUL. Seus resultados apontaram que: os ditongos [ey] e [ay] têm condicionamentos linguísticos diferentes para que a supressão do *glide* ocorra, sendo preferencialmente tepe para o [ey], e palatal para o [ay]; Florianópolis foi a variável geográfica que mais favoreceu a redução nos ditongos [ey] e [ay], enquanto Curitiba foi a variável mais favorecedora do apagamento da semivogal no ditongo [ey] seguido de tepe; em relação às variáveis sociais, o gênero feminino e o nível de escolaridade primário condicionaram mais a aplicação da regra.

O segundo, ou seja, Amaral (2005), analisou a variação do ditongo [ey] nas localidades de São Borja, Panambi e Flores da Cunha, com base em uma amostra de 42 informantes. As variáveis linguísticas que mais favoreceram a aplicação da regra foram: o contexto seguinte de fricativa alveopalatal e tepe; as sílabas átonas; e as formas não verbais. A variável social mais relevante foi a idade, sendo os informante mais jovens (25 a 50 anos) os que mais favoreceram a monotongação.

Toledo e Monareto (2010) concluíram que os dois estudos convergem ao afirmar que o contexto seguinte aos ditongos decrescentes favorecedores para a redução é o de tepe ou palatal. Quanto às divergências em alguns resultados, os autores atribuem à utilização de estratégias analíticas diferentes para cada pesquisa.

Com base na revisão desses trabalhos e no referencial teórico apresentado, partiremos agora para a análise dos dados selecionados para a presente pesquisa.

## **5 ANÁLISE DOS DADOS**

### **5.1 Variáveis Independentes**

Como variáveis independentes, analisaremos variáveis extralinguísticas e linguísticas. Primeiramente, apresentamos os resultados e a discussão das variáveis extralinguísticas.

## **5.1.1 Variáveis extralinguística**

### **5.1.1.1 Dimensão diazonal**

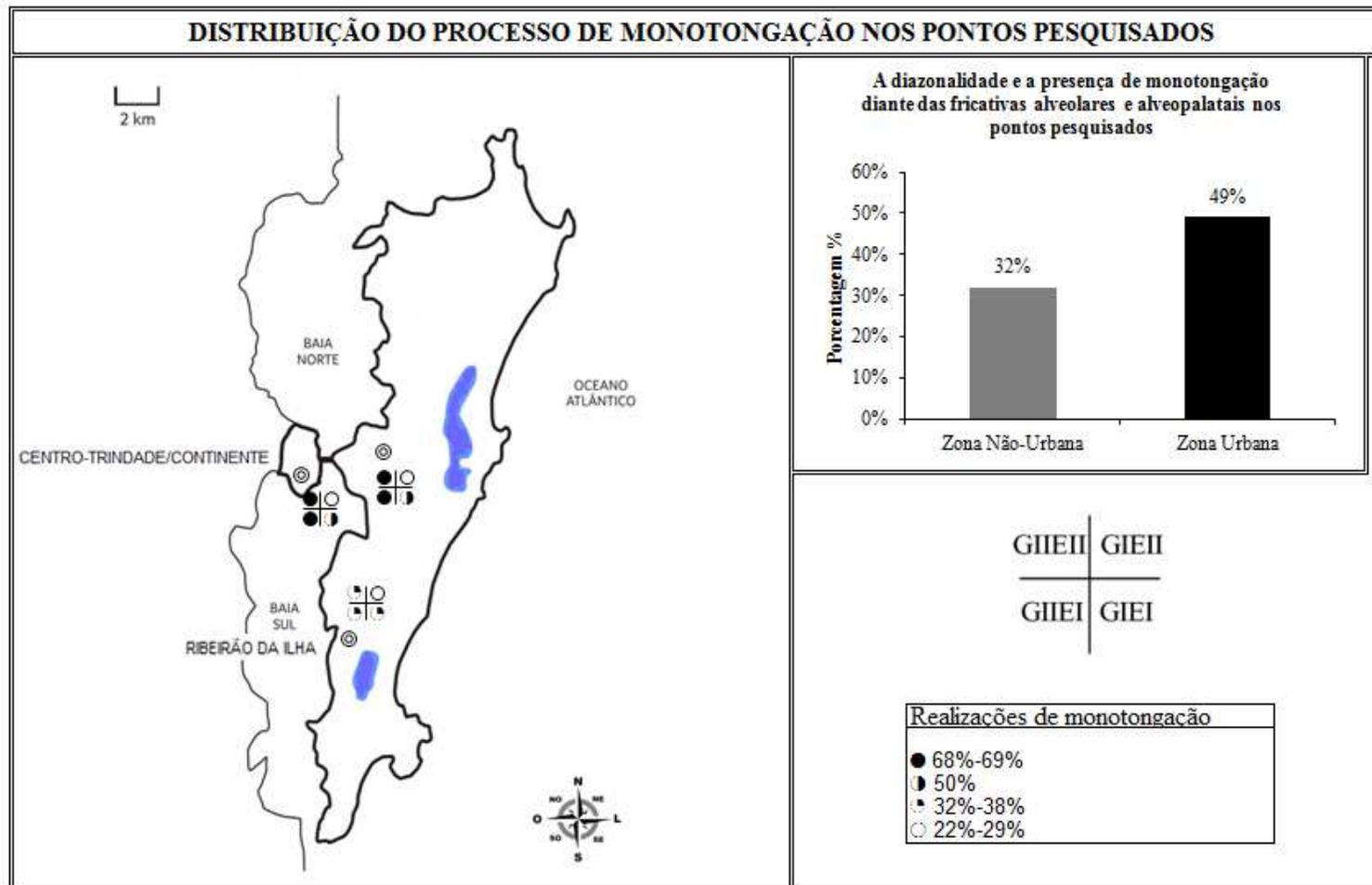
Podemos observar no gráfico inserido na Figura 04, uma frequência de 49% de monotongos para a zona urbana e de 32% para a zona não-urbana. Assim, a zona urbana é a que tem um percentual e um peso relativo maior, de 0,69, de propagação do processo de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais, contra um peso relativo de 0,30 para a zona não-urbana de ocorrências do mesmo fenômeno.

Além da análise feita a partir do gráfico supracitado, verificamos que no mapa da Figura 01, os informantes mais velhos (Geração II – GII) com maior escolaridade (Escolaridade II – EII), bem como os informantes mais velhos (GII) com menor grau de instrução (Escolaridade I – EI) são os que mais propagam a monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais com uma frequência, respectivamente, de 68% a 69% para a zona urbana. Já para a zona não-urbana, os informantes com esses mesmos perfis (GIIIEI e GIIIEI) atingem um percentual, respectivamente, de 32% a 38%. Entretanto, para a zona não-urbana, incluem-se, também, nesta mesma escala de frequência, os informantes mais jovens (Geração I – GI) com escolaridade baixa (EI). Já os informantes pertencentes à zona urbana apresentam um percentual de 50%, portanto, maior do que os da zona não-urbana. Com relação aos informantes mais jovens (GI) com maior nível de instrução (EII), tanto para a zona urbana quanto para a zona não-urbana, a frequência é, respectivamente, de 22% a 29%.

Desse modo, o menor percentual de uso de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais ocorre na fala de informantes pertencentes à GIIIEI nas duas amostras que a pesquisa abrange. Já a frequência maior de propagação do fenômeno atinge 68% a 69% para os informantes que se inserem na GIIIEI e GIIIEI para a zona urbana, e alcança 32% a 38% para os informantes pertencentes à GIIIEI, GIIIEI e GIIIEI para a zona não-urbana.

Podemos verificar esses resultados na Figura 04.

**Figura 04** - Distribuição do processo de monotongação nos pontos pesquisados<sup>14</sup>



Fonte: elaborado por nós

<sup>14</sup> O mapa presente na Figura 04 foi adaptado do Google Imagens (acesso em agosto de 2012).

A Tabela 01 apresenta o cruzamento entre a diazonalidade e a faixa etária dos informantes pertencentes às duas amostras do trabalho. A fim de analisar com maior especificidade o perfil social dos informantes dos dois pontos geográficos, observamos que os informantes jovens realizam uma frequência similar, tanto na zona não-urbana quanto na zona urbana, visto que para a presença de monotongação o percentual é de 33% (zona não-urbana) a 34% (zona urbana) e para a ausência de monotongação a frequência é de 66% (zona urbana) a 67% (zona não-urbana).

Quanto aos informantes mais velhos, há uma disparidade entre a zona não-urbana e a zona urbana, já que os participantes da pesquisa mais velhos apresentam um percentual de 67% de ausência de monotongação para a zona não-urbana e de 68% de presença de monotongação para a zona urbana.

Assim, verificamos que, para os informantes jovens, independentemente do distrito em que se inserem, a ausência de monotongação ocorre com frequências maiores do que a presença do fenômeno. Já para os informantes mais velhos, a dimensão diazonal é discrepante, visto que os informantes pertencentes à zona urbana são os que mais realizam a monotongação.

Além disso, se compararmos os pesos relativos dos dois fatores (jovens e velhos), podemos observar que o fator velhos mostra-se mais significativo do que o fator jovens, já que o peso relativo para o primeiro é de 0,58 e para o segundo é de 0,42.

Com base nisso, consideramos que são os informantes mais velhos, da zona urbana, que mais preservam a identidade linguística local. Enquanto os informantes mais jovens preferem a ausência de monotongação, já que, para os mesmos, a presença dos ditongos decrescentes é vista como regra de prestígio.

**Tabela 01** - Monotongação e o cruzamento entre a dimensão diazonal e faixa etária com os dados das duas localidades

		Zona Não-Urbana	Zona Urbana	Total
Jovens	Presença de monotongação	33%	34%	<b>34%</b>
	Ausência de monotongação	67%	66%	<b>66%</b>
Velhos	Presença de monotongação	33%	68%	<b>50%</b>
	Ausência de monotongação	67%	32%	<b>50%</b>
Total	Presença de monotongação	33%	49%	<b>41%</b>
	Ausência de monotongação	67%	51%	<b>59%</b>

**Fonte:** elaborado por nós.

Na Tabela 02 examinamos o cruzamento entre a dimensão diazonal e o nível de escolaridade dos informantes pertencentes às duas amostras do estudo. Nesse caso, os informantes com escolaridade alta apresentam maior frequência, tanto na zona não-urbana (69%) quanto na zona urbana (58%), para a ausência de monotongação.

Com relação aos informantes com escolaridade baixa há uma diferença maior entre a zona não-urbana e a zona urbana, já que os participantes da pesquisa com escolaridade baixa alcançam um percentual de 64% de ausência de monotongação para a zona não-urbana e de 59% de presença de monotongação para a zona urbana.

Observamos, assim, que para os informantes com escolaridade alta, independentemente da região em que se inserem, a ausência de monotongação ocorre com frequências maiores do que a presença do fenômeno. Já para os informantes com escolaridade baixa, a dimensão diazonal é divergente, visto que os informantes pertencentes à zona urbana são os que mais realizam a monotongação.

Além disso, se compararmos os pesos relativos dos dois fatores (escolaridade alta e escolaridade baixa), verificamos que a variável escolaridade baixa mostra-se mais relevante do que o fator escolaridade alta, já que o peso relativo para a primeira é de 0,57 e para a segunda é de 0,44.

Com base nesse fato, podemos considerar que são os informantes com escolaridade baixa, da zona urbana, que se identificam mais com a realização da monotongação. Entretanto, os informantes com escolaridade alta preferem mais a ausência de monotongação, já que para os mesmos a presença dos ditongos decrescentes é vista como regra de prestígio, enquanto que para os informantes com escolaridade baixa a presença de monotongação está associada às marcas de identidade social, ao orgulho linguístico e à aceitação a uma dada classe social ou comunidade de fala. Desse modo, parece haver uma diferença no comportamento de falantes com nível de escolaridade baixa e com nível de escolaridade alta.

**Tabela 02** - Monotongação e o cruzamento entre a dimensão diazonal e escolaridade com os dados das duas localidades.

		Zona Não-Urbana	Zona Urbana	Total
Escolaridade Baixa	Presença de monotongação	36%	59%	<b>47%</b>
	Ausência de monotongação	64%	41%	<b>53%</b>
Escolaridade Alta	Presença de monotongação	31%	42%	<b>36%</b>
	Ausência de monotongação	69%	58%	<b>64%</b>
Total	Presença de monotongação	33%	49%	<b>41%</b>
	Ausência de monotongação	67%	51%	<b>59%</b>

**Fonte:** elaborado por nós.

Os resultados do nosso estudo corroboram os resultados mostrados por Cabreira (2000) que controla em sua pesquisa três localidades distintas (Porto Alegre-RS, Curitiba-PR e Florianópolis-SC) e que obteve um maior favorecimento da aplicação da regra de monotongação por parte dos informantes pertencentes à Florianópolis-SC. Desse modo, nosso trabalho, assim como a pesquisa supracitada, atesta que há uma propagação maior da presença de monotongação diante das fricativas alveolares e palatais na região de Florianópolis.

### 5.1.1.2 Faixa etária

Observamos, na Tabela 03, o grupo de fatores faixa etária dos informantes pertencentes à amostra correspondente ao Ribeirão da Ilha. A fim de esmiuçar um pouco mais a nossa análise, apresentamos a variável faixa etária separada por localidades em cada uma das tabelas.

Podemos verificar, na Tabela 03, que os informantes jovens realizam uma frequência maior (66%) para a ausência de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais. Da mesma forma, os informantes mais velhos apresentam um percentual mais elevado (67%) para a ausência de monotongação.

Assim, podemos observar que tanto os informantes jovens quanto os informantes mais velhos da amostra correspondente ao Ribeirão da Ilha tendem a preservar o uso dos ditongos decrescentes. No entanto, é importante ressaltar que o programa utilizado para as rodadas estatísticas da presente pesquisa não selecionou este grupo de fatores como relevante para a rodada estatística que contempla a localidade do Ribeirão da Ilha.

**Tabela 03**<sup>15</sup> - Monotongação e faixa etária – Ribeirão da Ilha

FAIXA ETÁRIA – RIBEIRÃO DA ILHA				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Jovens	N	43	86	129
	%	33	66	100
Velhos	N	42	87	129
	%	32	67	100
TOTAL	N	85	173	258
	%	32	67	100

Fonte: elaborado por nós.

Podemos analisar na Tabela 04, referente ao Centro-Trindade/Continente, que os informantes jovens, assim como no distrito do Ribeirão da Ilha, realizam uma frequência maior, de 65%, para a ausência de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais. Com relação aos informantes mais velhos há também um percentual maior, de 68%, para a presença de monotongação.

Assim, verificamos que para os informantes jovens, independentemente da região, a ausência de monotongação ocorre com frequências maiores do que para a presença do fenômeno. Já para os informantes mais velhos o grupo de fatores localidade é divergente, já que no Ribeirão da Ilha os informantes obtêm percentuais maiores para a ausência de monotongação, enquanto que no Centro-Trindade/Continente os informantes apresentam uma frequência mais elevada para a presença de monotongação.

Contrariamente ao ocorrido para o Ribeirão da Ilha, salientamos que para o Centro-Trindade/Continente o programa estatístico selecionou o grupo de fatores faixa etária como significativo. Desse modo, observamos o peso relativo de 0,30 para os jovens e de 0,73 para os informantes mais velhos.

<sup>15</sup> Os dados apresentados na análise desta pesquisa correspondem aos valores obtidos nas rodadas estatísticas realizadas com o programa Goldvarb (2001). Desse modo, nenhum número será arredondado.

Com isso, analisamos que são os informantes mais velhos, do Centro-Trindade/Continente, que mais preservam a identidade linguística e social, visto que marcam a sua identidade local fazendo uso de formas consideradas estigmatizadas, como no caso a monotongação.

**Tabela 04** - Monotongação e faixa etária – Centro-Trindade/Continente

FAIXA ETÁRIA – CENTRO-TRINDADE/CONTINENTE				
FATORES	N - %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Jovens	N	50	97	147
	%	34	65	100
Velhos	N	80	37	117
	%	68	31	100
TOTAL	N	130	134	264
	%	49	50	100

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados da nossa pesquisa confirmam os resultados apontados por Brescancini (2009), indicando que os informantes mais jovens condicionam menos a aplicação da regra de monotongação. Por outro lado, o estudo de Amaral (2005) demonstra um favorecimento dos informantes mais jovens pelo uso da monotongação. Desse modo, nosso trabalho, corrobora os resultados mostrados por Brescancini (2009), mas não confirma os resultados indicados por Amaral (2005).

### 5.1.1.3 Nível de escolaridade

Podemos observar na Tabela 05, a variável nível de escolaridade dos informantes pertencentes à amostra correspondente ao Ribeirão da Ilha. A fim de detalhar um pouco mais a nossa análise, apresentamos o grupo de fatores segmentado por localidades em cada uma das tabelas.

Examinamos primeiramente a Tabela 05, referente ao Ribeirão da Ilha, através da qual fica demonstrado que tanto os informantes com menor grau de instrução quanto os informantes de instrução mais elevada realizam um percentual maior para a ausência de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais: 64% e 69%, respectivamente. Entretanto, podemos salientar, em virtude destes resultados, que os informantes pertencentes à escolaridade alta realizam uma frequência um pouco mais elevada que os informantes com menor grau de instrução.

Assim, podemos observar que os informantes pertencentes à amostra correspondente ao Ribeirão da Ilha, independentemente do grau de escolaridade, preservam mais o uso dos ditongos decrescentes do que a redução dos mesmos.

Ressaltamos, também, que o programa utilizado para as rodadas estatísticas não selecionou este grupo de fatores como relevante para a rodada estatística que contempla a localidade do Ribeirão da Ilha, do mesmo modo como não selecionou a variável faixa etária como significativa para a mesma região.

**Tabela 05** - Monotongação e nível de escolaridade – Ribeirão da Ilha

NÍVEL DE ESCOLARIDADE – RIBEIRÃO DA ILHA				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Escolaridade baixa	N	43	78	121
	%	35	64	100
Escolaridade alta	N	42	95	137
	%	30	69	100
<b>TOTAL</b>	N	85	173	258
	%	32	67	100

**Fonte:** elaborado por nós.

Analizamos na Tabela 06, referente ao Centro-Trindade/Continente, que os informantes com escolaridade alta, assim como na região do Ribeirão da Ilha, realizam um percentual maior (58%) para a ausência de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais. Quanto aos informantes com escolaridade baixa há uma frequência maior (58%) para a presença de monotongação.

Desse modo, podemos verificar que para os informantes com escolaridade alta, independentemente da localidade, a ausência de monotongação ocorre com percentuais maiores do que a presença do fenômeno. Já para os informantes com escolaridade baixa as localidades são discrepantes, já que no Ribeirão da Ilha os informantes atingem frequências maiores para a ausência de monotongação, enquanto que no Centro-Trindade/Continente os informantes alcançam um percentual mais elevado para a presença de monotongação.

Diferentemente do que ocorre para o Ribeirão da Ilha, ressaltamos que para o Centro-Trindade/Continente o programa estatístico selecionou a variável nível de escolaridade como relevante. Assim, observamos o peso relativo de 0,39 para os informantes com maior nível de instrução e de 0,63 para os informantes com menor nível de instrução.

Com base nisso, verificamos que são os informantes com escolaridade baixa, do Centro-Trindade/Continente, que mais realizam a presença da monotongação.

**Tabela 06** - Monotongação e nível de escolaridade – Centro-Trindade/Continente

NÍVEL DE ESCOLARIDADE – CENTRO-TRINDADE/CONTINENTE				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Escolaridade baixa	N	68	48	116
	%	58	41	100
Escolaridade alta	N	62	86	148
	%	41	58	100
<b>TOTAL</b>	N	130	134	264
	%	49	50	100

**Fonte:** elaborado por nós.

Os resultados do nosso estudo corroboram os resultados apontados por Cabreira (1996; 2000) que apresenta, em sua análise, o nível de escolaridade como variável

relevante na qual os informantes com menor grau de instrução são os que mais aplicam a regra de monotongação. Por outro lado, o estudo de Brescancini (2009) aponta que o grupo de fatores nível de escolaridade não se mostra significativo na análise. Assim, a presente pesquisa confirma os resultados mostrados por Cabreira (1996; 2000), mas não corrobora os resultados indicados por Brescancini (2009).

## 5.2.1 Variáveis Linguísticas

### 5.2.1.1 Contexto seguinte às semivogais [j, w]

Na Tabela 07, que apresenta a totalidade dos dados desta pesquisa, observamos a frequência maior de monotongação diante das fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ], com um percentual de 59%. Verificamos, também, que a manutenção do ditongo mostra-se mais frequente diante das fricativas alveolares [s, z], com percentual de 92%.

Além disso, ao compararmos os pesos relativos dos dois fatores, verificamos que as fricativas alveopalatais condicionam mais a aplicação da regra do que as fricativas alveolares, já que o peso relativo para primeira é de 0,78 e para a segunda é de 0,08. Desse modo, apesar do percentual de ausência da monotongação ser elevado (92%), salientamos que quando a aplicação da regra ocorre o contexto favorecedor é o de fricativa alveopalatal. Assim, podemos afirmar que as fricativas alveopalatais favorecem mais a monotongação dos ditongos decrescentes do que as fricativas alveolares.

Segundo Bisol (2001), os ditongos leves apresentam comportamento variável e quanto ao padrão silábico apresentam uma rima simples, ou seja, não ramificada em sua representação subjacente. Esses ditongos podem, por influência do contexto seguinte – nesse caso, a fricativa alveopalatal – sofrer o processo de monotongação, como verificamos em nosso estudo.

**Tabela 07** - Monotongação e contexto seguinte – Ribeirão da Ilha e Centro-Trindade/Continente

CONTEXTO SEGUINTE – RIBEIRÃO DA ILHA E CENTRO-TRINDADE/CONTINENTE				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Alveolares	N	13	167	180
	%	7	92	100
Alveopalatais	N	202	140	342
	%	59	40	100
<b>TOTAL</b>	N	215	307	522
	%	41	58	100

**Fonte:** elaborado por nós.

A fim de realizar uma análise mais detalhada, apresentamos a variável contexto seguinte separada por localidade.

Observamos na Tabela 08, referente ao Ribeirão da Ilha, que a manutenção do ditongo decrescente mostra-se mais frequente do que a redução, tanto diante das fricativas alveolares, com percentual de 92%, quanto diante das fricativas alveopalatais, com percentual de 57%. Contudo, diante das últimas, a aplicação da monotongação é maior (42%) do que diante das primeiras (7%).

Assim, podemos notar que no Ribeirão da Ilha há uma maior frequência da ausência da monotongação, mas, quando o fenômeno ocorre, o contexto seguinte preferencial são as fricativas alveopalatais.

Ressaltamos, ainda, que o programa estatístico selecionou a variável contexto seguinte como relevante para esta localidade, com peso relativo de 0,66 para monotongação diante de fricativas alveopalatais e de 0,13 diante de fricativas alveolares. Assim, podemos afirmar que as fricativas alveopalatais favorecem a aplicação da regra variável nesta localidade.

**Tabela 08 - Monotongação e contexto seguinte – Ribeirão da ilha**

CONTEXTO SEGUINTE – RIBEIRÃO DA ILHA				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Alveolares	N	5	66	71
	%	7	92	100
Alveopalatais	N	80	107	187
	%	42	57	100
<b>TOTAL</b>	N	85	173	258
	%	32	67	100

**Fonte:** elaborado por nós.

Podemos observar na Tabela 09, que contempla dados dos informantes do Centro-Trindade/Continente, uma frequência maior de monotongação (78%) diante das fricativas alveopalatais. Já para a manutenção do ditongo o percentual é maior (92%) diante das fricativas alveolares.

Notamos que no Centro-Trindade/Continente há uma frequência maior do processo de monotongação do que no Ribeirão da Ilha, já que a primeira localidade apresenta um percentual de ocorrência do fenômeno de 49% e a segunda de 32%.

Destacamos, ainda, que o contexto seguinte foi selecionado pelo programa estatístico como grupo de fatores relevante para a localidade Centro-Trindade/Continente, com peso relativo de 0,06 para as fricativas alveolares e de 0,86 para as fricativas alveopalatais. Dessa forma, podemos afirmar que as fricativas alveopalatais favorecem a aplicação da regra variável nesta localidade.

**Tabela 09 - Monotongação e contexto seguinte – Centro-Trindade/Continente**

CONTEXTO SEGUINTE – CENTRO-TRINDADE/CONTINENTE				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Alveolares	N	8	101	109
	%	7	92	100
Alveopalatais	N	122	33	155
	%	78	21	100
<b>TOTAL</b>	N	130	134	264
	%	49	50	100

**Fonte:** elaborado por nós.

Após a análise dos dados, podemos afirmar que, dentre os fatores que abarcam a variável contexto seguinte, o fator que abrange as fricativas alveopalatais condiciona a aplicação da regra variável de monotongação nas duas localidades em estudo.

Os resultados para o grupo de fatores contexto seguinte do nosso estudo corroboram os resultados mostrados por Cabreira (2000), Brescancini (2009), Haupt (2011) e Toledo e Monaretto (2010). Vale ressaltar que essas pesquisas foram realizadas no Sul do Brasil e para todas elas o contexto seguinte de fricativas alveopalatais mostrou-se relevante para o processo de monotongação. Dessa forma, nosso trabalho, assim como as pesquisas supracitadas, confirma a maior frequência da redução dos ditongos diante das fricativas alveopalatais.

### 5.2.1.2 Número de sílabas

Podemos observar na Tabela 10, que abarca os dados das duas localidades, uma frequência maior de monotongação nos dissílabos, com um percentual de 65%. Além disso, o programa estatístico selecionou o grupo de fatores número de sílabas como relevante para a redução dos ditongos na rodada estatística que contempla os dois pontos geográficos estudados. Assim, observamos o peso relativo de 0,68 para os dissílabos, de 0,65 para os trissílabos e de 0,45 para os monossílabos, respectivamente.

Dessa forma, podemos afirmar que os dissílabos favorecem mais o processo de monotongação dos ditongos decrescentes, tanto diante das fricativas alveolares quanto de fricativas alveopalatais.

**Tabela 10** - Monotongação e número de sílabas – Ribeirão da Ilha e Centro-Trindade/Continente

NÚMERO DE SÍLABAS – RIBEIRÃO DA ILHA E CENTRO-TRINDADE/CONTINENTE				
FATORES	N – %	PRESENÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Monossílabo	N	151	266	417
	%	36	63	100
Dissílabo	N	59	31	90
	%	65	34	100
Trissílabo	N	5	10	15
	%	33	66	100
<b>TOTAL</b>	N	215	307	522
	%	41	58	100

**Fonte:** elaborado por nós.

A Tabela 11 apresenta o cruzamento entre o número de sílabas e o contexto seguinte dos dados obtidos dos informantes pertencentes ao Ribeirão da Ilha. A fim de detalhar a análise, realizamos o cruzamento separado por localidade e os apresentamos por meio de tabelas.

Podemos observar primeiramente na Tabela 11, referente ao Ribeirão da Ilha, que os dissílabos com contexto seguinte de fricativas alveopalatais apresentam uma frequência maior de monotongação, com um percentual de 70%.

Ao analisarmos o peso relativo do número de sílabas para a redução dos ditongos decrescentes no Ribeirão da Ilha, verificamos que os monossílabos têm peso relativo de 0,45, os dissílabos de 0,67 e os trissílabos de 0,49.

Com base nisso, verificamos que a monotongação dos ditongos decrescentes nessa localidade é mais favorecida pelos dissílabos, em contextos seguidos por fricativas alveopalatais.

**Tabela 11** - Monotongação e cruzamento entre número de sílabas e o contexto seguinte – Ribeirão da Ilha

FATORES		ALVEOLARES	ALVEOPALATAIS	TOTAL
		Apl/Total	Apl/Total	Apl/Total
Monossílabo	N	5/64	47/135	52/199
	%	8	35	26
Dissílabo	N	0/6	31/44	31/50
	%	0	70	62
Trissílabo	N	0/1	2/8	2/9
	%	0	25	22
<b>TOTAL</b>	N	5/71	80/187	85/258
	%	7	43	33

**Fonte:** elaborado por nós.

Observamos na Tabela 12 o cruzamento entre os grupos de fatores número de sílabas e contexto seguinte dos dados referentes aos informantes que pertencem ao Centro-Trindade/Continente. Nesse ponto geográfico, verificamos que a frequência da redução dos ditongos ocorre categoricamente nos trissílabos seguidos por fricativas alveopalatais. No entanto, salientamos que nos dissílabos a frequência também é alta, apresentando um percentual de 83% de realização diante de fricativas alveopalatais.

Destacamos, ainda, que para essa localidade, o programa estatístico não selecionou o grupo de fatores número de sílabas como relevante para a aplicação da regra de monotongação dos ditongos decrescentes diante das fricativas alveolares e alveopalatais.

**Tabela 12** - Monotongação e cruzamento entre número de sílabas e o contexto seguinte – Centro-Trindade/Continente

FATORES		ALVEOLARES	ALVEOPALATAIS	TOTAL
		Apl/Total	Apl/Total	Apl/Total
Monossílabo	N	4/95	95/123	99/218
	%	4	77	45
Dissílabo	N	4/11	24/29	28/40
	%	36	83	70
Trissílabo	N	0/3	3/3	3/6
	%	0	100	50
<b>TOTAL</b>	N	8/109	122/155	130/264
	%	71	79	49

**Fonte:** elaborado por nós.

Por meio da análise dos resultados do nosso estudo observamos que no Ribeirão da Ilha a regra variável é mais favorecida pelos dissílabos seguidos por fricativas alveopalatais, enquanto que no Centro-Trindade/Continente são os trissílabos que mais favorecem o processo de monotongação diante das fricativas alveopalatais.

### 5.2.1.3 Item lexical

Podemos verificar na Tabela 13, que contempla os dados das duas localidades, uma frequência maior de monotongação nos advérbios, com um percentual de 50%.

O programa estatístico selecionou a variável item lexical como relevante para a aplicação da regra variável. Desse modo, observamos o peso relativo de 0,63 para os advérbios, de 0,57 para os numerais e de 0,11 para os outros itens lexicais.

Com base nisso, podemos afirmar que os advérbios favorecem mais o processo de monotongação dos ditongos decrescentes diante das fricativas alveolares e alveopalatais na comparação com os demais fatores da variável grupo item lexical

**Tabela 13** - Monotongação e Item lexical – Ribeirão da Ilha e Centro-Trindade/Continente

ITEM LEXICAL – RIBEIRÃO DA ILHA E CENTRO-TRINDADE/CONTINENTE				
FATORES	N - %	PRESEÇA DE MONOTONGAÇÃO	AUSÊNCIA DE MONOTONGAÇÃO	TOTAL
Advérbios	N	163	162	325
	%	50	49	100
Numerais	N	37	59	96
	%	38	61	100
Outros	N	15	86	101
	%	14	85	100
<b>TOTAL</b>	N	215	307	522
	%	41	58	100

**Fonte:** elaborado por nós.

A Tabela 14 apresenta o cruzamento entre o item lexical e o contexto seguinte dos dados correspondentes ao Ribeirão da Ilha. Com o objetivo de pormenorizar a análise, realizamos o cruzamento separado por localidade e os apresentamos através de tabelas.

Verificamos na Tabela 14, referente ao Ribeirão da Ilha, a alta propagação da regra variável nos advérbios com contexto seguinte de fricativas alveopalatais (54%). Contudo, salientamos que, no fator outros itens lexicais, a aplicação da regra foi categórica. Assim, para que pudéssemos alcançar os pesos relativos dos fatores em questão, tivemos que excluir este fator da rodada estatística.

Ressaltamos, ainda, que o programa estatístico selecionou o grupo de fatores item lexical como relevante para a aplicação da regra. Assim, para os advérbios verificamos um peso relativo de 0,52, para os numerais de 0,38 e para o fator outros itens lexicais a aplicação da regra foi categórica.

Dessa forma, podemos afirmar que, no Ribeirão da Ilha, o fator outros itens lexicais obteve frequência maior; no entanto, os advérbios favorecem mais o processo de monotongação dos ditongos decrescentes seguidos por fricativas alveopalatais.

**Tabela 14** - Monotongação e Cruzamento entre a classe de palavras e o contexto seguinte – Ribeirão da Ilha

FATORES	ALVEOLARES		ALVEOPALATAIS		TOTAL	
		Apl/Total		Apl/Total		Apl/Total
Advérbios	N	4/42		67/104		71/146
	%	10		54		49
Numerais	N	1/20		13/32		14/52
	%	5		41		27
TOTAL	N	5/62		80/136		85/198
	%	8		59		43

Fonte: elaborado por nós.

Observamos na Tabela 15 o cruzamento entre número de sílabas e o contexto seguinte dos dados referentes aos informantes que pertencem ao Centro-Trindade/Continente. Nessa localidade, a monotongação ocorreu mais nos numerais com contexto seguinte de fricativas alveopalatais, apresentando um percentual de 91% de ocorrência.

Ressaltamos que o grupo de fatores item lexical foi selecionado pelo programa estatístico como significativo para a redução dos ditongos nesse ponto geográfico. Desse modo, verificamos para os numerais um peso relativo de 0,69, para os advérbios de 0,56 e para os outros itens lexicais um peso relativo de 0,12.

Assim, é possível afirmar que, no Centro-Trindade/Continente, a monotongação dos ditongos decrescentes é mais condicionada pelos numerais que apresentam contexto seguinte de fricativas alveopalatais.

**Tabela 15** - Monotongação e Cruzamento entre a classe de palavras e o contexto seguinte – Centro-Trindade/Continente

FATORES	ALVEOLARES		ALVEOPALATAIS		TOTAL	
		Apl/Total		Apl/Total		Apl/Total
Advérbios	N	5/75		87/104		92/179
	%	7		84		51
Numerais	N	2/21		21/23		23/44
	%	10		91		52
Outros	N	1/13		14/28		15/41
	%	8		50		37
TOTAL	N	8/109		122/155		130/264
	%	7		79		49

Fonte: elaborado por nós.

Por meio da análise dos resultados do cruzamento entre item lexical e contexto seguinte, observamos que, no Ribeirão da Ilha, a regra variável é mais favorecida pelos advérbios e, no Centro-Trindade/Continente, pelos numerais. Verificamos, também, que para as duas localidades o contexto seguinte que mais condiciona a aplicação da regra são as fricativas alveopalatais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, descrever e analisar o processo de monotongação dos ditongos decrescentes atrelado ao fenômeno da palatalização das fricativas alveolares e alveopalatais em posição de coda silábica nas comunidades de fala do Ribeirão da Ilha e do Centro-Trindade/Continente, utilizando, para isso, dados extraídos das amostras Monguilhott (2006) e da Turma da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia (2012.1).

A primeira de nossas hipóteses pressupõe que a palatalização das fricativas alveolares em coda silábica, nas duas localidades em estudo, está associada ao processo de monotongação dos ditongos decrescentes. Podemos observar, com base nos resultados da nossa pesquisa, que, de fato, há uma relação entre a palatalização das fricativas alveolares em coda silábica com o processo de monotongação, visto que em ambos os distritos o fenômeno de monotongação foi favorecido pelo contexto seguinte de fricativas alveopalatais [ʃ, ʒ]. Assim, nossa hipótese foi atestada.

A segunda hipótese supõe que existem diferenças no processo de monotongação nas duas localidades em estudo. Conforme nossa análise, a frequência do referido processo é maior no Centro-Trindade/Continente do que no Ribeirão da Ilha. Salientamos que nossa hipótese foi refutada, já que julgávamos que era na segunda localidade que o fenômeno seria mais frequente.

A terceira e última hipótese pressupõe que o processo de monotongação é mais favorecido por grupos de fatores linguísticos do que por grupos de fatores sociais. Evidenciamos, com base nos resultados da nossa pesquisa, que a propagação maior do processo de monotongação nos pontos (áreas) do estudo é favorecida pelos fatores linguísticos – contexto seguinte às semivogais [j, w], número de sílabas e item lexical – do que pelos fatores extralinguísticos – faixa etária, nível de escolaridade e dimensão diazonal.

A fim de fundamentar os resultados da nossa análise, salientamos que os fatores linguísticos foram relevantes para as duas localidades, exceto o grupo de fatores número de sílabas para o Centro-Trindade/Continente. Ressaltamos, também, que a análise dos dados para o grupo de fatores contexto seguinte apontou, para as duas localidades, maior ocorrência do processo de monotongação diante das fricativas alveopalatais. Segundo Bisol (1989), à luz da fonologia autosegmental, esse fenômeno ocorre, já que não se verifica a regra de espriamento do nó vocálico que neste contexto permite a formação do glide.

Quanto às variáveis sociais, constatamos que essas não foram relevantes para o Ribeirão da Ilha. Com base nisso, atestamos nossa hipótese de que os grupos de fatores linguísticos são os contextos que mais favorecem o processo de monotongação.

Por fim, para a realização da presente pesquisa, salientamos que partimos de uma abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística, da Geolinguística e da Fonologia Autosegmental e acreditamos ter contribuído para a descrição do português falado no Ribeirão da Ilha e no Centro-Trindade/Continente, à medida que confirmamos, em grande parte, resultados de estudos sobre o processo de monotongação diante das fricativas alveolares e alveopalatais com outras amostras referentes ao mesmo objeto.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, M.. *Estudios canarios*. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1968.
- BISOL, L.. O ditongo na perspectiva atual. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 185-224. 1989.
- \_\_\_\_\_. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* São Paulo, vol. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001.
- BRANDÃO, S. F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BRESCANCINI, C. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano-catarinense. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: Edipucrs, p. 34-49, 2009.
- CABREIRA, H. S.. A monotongação dos ditongos orais decrescentes no sul do Brasil. In: Estudos da Língua Falada. *Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, RS, v. 14, n. 28-29, p. 143-156, 2000.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CLEMENTS, G. N. *The Geometry of Phonological Features*. *Phonological Yearbook*. n. 2, 1985, p. 225-252.
- \_\_\_\_\_. *Place of Articulation in Consonants and Vowels: a unified theory*. Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory. n. 5, 1991, p. 77-123.
- COSERIU, E. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994, p. 11-62.
- GUY, G. Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29, p. 17-32, 2000.
- HAUPT, C. *O fenômeno da monotongação dos ditongos [aɪ, eɪ, oɪ, uɪ] na fala dos florianopolitanos: uma abordagem apartir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares*. 212f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 2011.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MONGUILHOTT, I. de O. e S.. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Florianópolis, 2009. Tese de Doutorado, UFSC.
- PINTZUK, S. *Varbrul Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Mimeo, 1988.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb>>. Acesso em: 22 de setembro de 2010.
- SILVA, T.C. da. *Exercícios de Fonética e Fonologia*. Campinas: Contexto, 2003.

TARALLO, F. Zelig: um camaleão-linguista. *D.E.L.T.A.*, 2(1): 127-144, 1986.

THUN, H.; RADTKE, E. Nuevos Caminos de la Geolinguística Románica. Un Balance. In: RADTKE, E. THUN, H. (Hrsg). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

TOLEDO, E. E.; MONARETTO, O. N. V. A redução de ditongos orais decrescentes no português brasileiro do sul do Brasil: descrição e generalização. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*, Palhoça, SC: UNISUL, out. 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Data de submissão: 27/05/2013

Data de aceite: 16/10/2013